

Dança
14, 15 Setembro 2010

Is You Me

de Benoît Lachambre, Louise Lecavalier,
Laurent Goldring, Hahn Rowe

Em colaboração com o Festival Materiais Diversos / Teatro Virgínia,
Torres Novas e o Centro Cultural Vila Flor, Guimarães

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Uma criação de Benoît Lachambre, Louise Lecavalier, Laurent Goldring, Hahn Rowe
Dramaturgia Benoît Lachambre **Intérpretes** Benoît Lachambre, Louise Lecavalier
Cenografia, iluminação e projecções Laurent Goldring **Compositor e música ao vivo** Hahn Rowe
Figurinos Lim Seonoc **Direcção técnica** Philippe Dupeyroux **Assistência à criação** France Bruyère
Produção Par B.L.eux **Co-produção** Théâtre de la Ville (Paris), MODAFE 2008 (Seul), Mercat de les Flors (Barcelona), PACT Zollverein (Essen), Festival TransAmériques Montréal (Quebeque), l'Usine C. Montréal (Quebeque), Fabbrica Europa (Florença)
Contacto Latitudes prod. (Lille-France)

Ter 14, Qua 15 de Setembro
21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h00 · M12

Is You Me é o resultado de vários encontros. O encontro entre o Benoît (Lachambre) e a Louise (Lecavalier), claro, mas também a história que eu tenho vindo a tecer entre as imagens e a dança, uma história em que me cruzei muitas vezes com o Benoît.

Desta vez o Benoît propôs-me que continuasse com ele uma experiência começada com a Mathilde Monnier: com um único projector criar simultaneamente o espaço teatral, o palco, as luzes e o cenário.

A experiência com a Mathilde tinha-me ensinado que isso implicava trabalhar desde o início numa óptica de co-criação, coisa que o Benoît compreendeu de imediato.

A dança não teria podido ser concebida separadamente do espaço desenhado, da mesma forma que as projecções não teriam podido ser concebidas como um simples enquadramento neutro e acolhedor.

O Benoît e a Louise tornaram-se progressivamente uma espécie de desenhos, mas desenhos animados: começaram a jogar com a sua terceira dimensão, divertindo-se a livrarem-se dela ou a recuperarem-na, para passarem do estado de volume ao de superfície ou de linha e vice-versa.

Quanto às projecções, a intenção de partida foi também inflectida para a utilização progressivamente maior do desenho. O desenho, em vez de se tornar numa imagem final imóvel, pôs-se ele próprio em movimento, pôs-se a narrar a sua própria construção, a mostrar a forma como um traço engendra outro, como a gestualidade do desenho se assemelha ou distingue da gestualidade da dança: fui pondo a tónica cada vez mais na temporalidade do traço do que na imobilidade da forma.

Uma das consequências é que foi preciso encontrar no desenho em suporte gráfico uma gestualidade que permitisse

construir tanto um ritmo como uma forma. O que parece evidente mas que contraria o discurso (imposto) sobre o imaterial e o virtual.

Outro gesto simples, mas que mudou radicalmente os dados, foi a abertura do ecrã e a possibilidade de ter os corpos literalmente dentro do ecrã, na fissura entre o ecrã do fundo e o palco inclinado (que é também ecrã), fissura que foi sendo usada cada vez mais durante o processo de criação de *Is You Me*.

Esta re-materialização, este voltar a ser gesto da imaterialidade informática, é também verdade em relação ao trabalho do Hahn Rowe, que me ajudou a compreender o que se estava a passar. A nossa dupla presença nas margens do palco, que se impôs por si própria, conduziu naturalmente a um desenho-música que se ia fazendo ao mesmo tempo que a dança. O Hahn propôs nar-

rativas e ritmos que se encontram quase tal qual no desenho. Quando Bernhard Lang me pediu para fazer um filme para DW2, disse-me que tinha feito a música de um filme que ainda não existia. Tive muitas vezes esta mesma sensação com a música de Hahn, como se ela estivesse incessantemente, generosamente, a criar um lugar para a imagem.

A sinergia foi igualmente forte com a figurinista (Lim) Seononc, que reagiu prontamente a este devir-desenho dos bailarinos e ao devir-dança do desenho, com os seus figurinos que sublinham simultaneamente a fisicalidade e o grafismo das presenças. Para mim um dos momentos mais importantes é quando as silhuetas amarelas e verdes que construimos podem passar completamente sem o desenho porque se tornaram desenho elas próprias...

Laurent Goldring



© André Cornellier

Benoît Lachambre

Audacioso e inovador, Benoît Lachambre move-se há cerca de 30 anos nos circuitos internacionais da dança como coreógrafo, intérprete, improvisador e professor. Tendo-se iniciado com a dança jazz e a dança moderna, dedicou-se totalmente a uma abordagem experimental do movimento e das suas origens na busca da autenticidade do gesto. A partir daí multiplicou as experiências, investigou a técnica *release*, a composição coreográfica e a improvisação, dirigiu ateliers de pesquisa, de improvisação e de consciência corporal.

Em 1996, sentindo a necessidade de dispor de uma plataforma de trabalho que lhe permitisse realizar os seus projectos de pesquisa através de criações originais, Benoît Lachambre cria a companhia Par B.L.eux - «B.L.» de Benoît Lachambre, e «eux» (eles) dos artistas criadores com quem se associa. A sua vocação é a criação coreográfica contemporânea interdisciplinar e a ligação a uma rede de artistas internacionais.

Como intérprete, coreógrafo, improvisador e professor, Benoît Lachambre multiplica os encontros artísticos. A sua dança apoia-se numa fusão de ideias, de trocas, de dinâmicas feitas do cruzamento de múltiplos processos e conceitos artísticos. Marca presença na cena internacional através de um trabalho constante e da participação em sucessivos projectos, passando com agilidade da metáfora à teoria e às práticas mais diversas. Transforma o ecletismo numa fusão de actividades complementares que se associam entre si e a que lhe interessa acrescentar a exploração

de dinâmicas de comunicação e de percepção.

Desde a fundação da sua companhia, apresentou 15 criações, colaborou em mais de 20 produções exteriores a Par B.L.eux, recebeu mais de 25 encomendas coreográficas, incluindo o solo «*l/*» *Is Memory* para Louise Lecavalier (Maio de 2006) e o solo *Les portes heure de paroles* para Marion Ballester, estreado no Festival des Antipodes, do Quartz, Scène Nationale de Brest, de que foi coreógrafo associado de 2005 a 2008.

Par B.L.eux apresentou as suas criações numa dezena de países de todo o mundo, principalmente na Europa mas também nas Américas e na Ásia. Benoît Lachambre recebeu pelo seu trabalho o Pémio Jacqueline Lemieux, do Canada Arts Council (1999), dois Prémios Dora Mavor Moore para a melhor interpretação e a melhor coreografia com *Délire Défait* (2001), o Prémio Moving Pictures, de Toronto, para a melhor interpretação, com *Cantique#1 et #2* de Marie Chouinard (2003), e um Bessie Award pela sua interpretação em *Forgeries, Love and Other Matters* (2006).

São muito conhecidos os ateliers de formação (de improvisação e consciência corporal) de Benoît Lachambre. Apoiado em anos de pesquisa e numa grande experiência de cena, propõe estágios em que os profissionais exploram a complexidade de modelos interiores do corpo e identificam a sua dinâmica de movimento pessoal. Benoît Lachambre é frequentemente convidado a participar em colóquios, simpósios e encontros artísticos de todos os tipos. A sua notoriedade permite-lhe implicar-se a diversos níveis na elaboração de planos de desenvolvimento artístico.

Projecta a criação de um centro de pesquisa, criação e desenvolvimento em que antevê inscrever os seus projectos de intercâmbio internacional num centro que beneficie a rede artística regional, nacional e internacional.

Louise Lecavalier

Natural de Montréal, Louise Lecavalier é bailarina profissional desde 1977. Liga-se à companhia La La La Human Steps no início dos anos 1980, e faz parte de todos os seus espectáculos desde *Oranges* (1981) até *Exaucé/Salt* (1999). Em 1985, torna-se a primeira canadiana a receber um Bessie Award, em Nova Iorque, pela sua prestação em *Businessman in the Process of Becoming an Angel* (1983).

Dançou em *Human Sex* (1985), *New Demons* (1987), *Infante* (1991), e, finalmente, *2* (1995) e *Exaucé/Salt* (1998), obras em que atinge uma maturidade rara como intérprete. Símbolo da companhia durante perto de duas décadas, investida de corpo e alma na sua arte, encarnou uma dança extrema com paixão, com uma generosidade sem prudência que emocionou e perturbou os públicos do mundo inteiro. Participou em todas as colaborações importantes que marcaram a trajectória de La La La Human Steps, nomeadamente o espectáculo *Sound and Vision* de David Bowie em 1990, o concerto *The Yellow Shark* de Frank Zappa e do Ensemble Modern, da Alemanha, no Outono de 1992, o filme *Inspirations*, do realizador Michael Apted, em 1996. Em Maio de 1999 recebeu o prémio nacional

de dança Jean A. Chalmers, a maior distinção em dança no Canadá, atribuída pela primeira vez a uma intérprete. Em Fevereiro de 2003 recebeu uma bolsa de carreira do Conseil des arts et des lettres du Québec.

Dirige regularmente estágios e *masterclasses* em festivais de dança europeus.

Em 2003 trabalhou com o coreógrafo Tedd Robinson, que criou a peça *Cobalt rouge* para ela e três intérpretes masculinos. Co-produzida pelo Centre national des arts (Ottawa), a Bienal de Veneza e o Théâtre de la Ville (Paris), esta obra foi estreada no Centre national des arts (Ottawa), e depois apresentada no Théâtre Outremont, no âmbito do Festival Montréal en lumière, em Fevereiro de 2005. Após a criação do solo «*Is Memory*, coreografado por Benoît Lachambre, que estreou na Suíça, no Festival Steps #10, em Maio de 2006, Louise Lecavalier trabalhou num solo com a coreógrafa canadiana Crystal Pite, que estreou no festival Tanz im August, em Berlim, em Agosto de 2006. *Lone Epic*, «*Is Memory e Lula and the Sailor*, dueto extraído de *Cobalt rouge*, formam um programa completo apresentado durante a temporada 2006-2007 no Canadá, na Europa e no Japão.

Laurent Goldring

Com formação inicial em Filosofia, Laurent Goldring desenvolve trabalho artístico no domínio da imagem.

«As imagens vídeo vêm da fotografia. Estas imagens constituem, a meu ver, obras em si mesmas, têm existência

© André Cornellier



própria, geram um universo particular. A descoberta de que, para fazer imagens diferentes era preciso inventar ligações inéditas entre os vários protagonistas da filmagem, com os riscos que este género de aventuras implicam, conduziu-me a tentar procurar outros modelos de trabalho partilhado nos diferentes domínios.» Laurent Goldring

Fotógrafo polimorfo, reconhecido pelo seu trabalho de vídeo, Laurent Goldring aproximou-se da escultura com *Ne pas toucher*, série de esculturas que integram partes de corpos vivos, e da história da arte com o ciclo de conferências *Lectures intitrées* e com *Hypothèses numérotées*. Há anos que observa os corpos dos coreógrafos. O seu olhar particular através da objectiva mostra-nos facetas por vezes singulares desses corpos. Colaborou com Xavier Le Roy em *Blut et Boredom*; e *Self Unfinished*, com Jean-Michel Rabeux em *Les Enfers*

e *Carnaval*, com Benoît Lachambre em *L'Âne et la Bouche*, com Saskia Holbling em *RRR* e *Other Features*, com Donata d'Urso em *Pezzo O Due* e com Germana Civera em *Figures*. Utiliza os corpos como instrumento artístico, as suas criações vídeo não são reproduções e o artista com quem estiver a trabalhar tem que despojar-se da sua imagem e fazer surgir do seu corpo outras formas, por meios que, por vezes, raiam o domínio do impossível.

Hahn Rowe

Nasceu em 1961. Compositor, produtor musical, engenheiro de som e multi-instrumentista, posiciona-se há cerca de 20 anos entre o rock de Nova Iorque, a música electrónica, a improvisação e o universo da nova música.

Começou a sua actividade em Nova Iorque, nos anos 80, como engenheiro de som, com artistas como Bill Laswell, Roy Ayers, Sly e Robbie, e John Zorn. Depressa se interessou pelas relações entre os universos artísticos e musicais da cidade. Tocou violino e guitarra no conjunto de Glenn Branca. Encontrou os membros do grupo Hugo Largo e lançou dois discos da etiqueta Opal de Brian Eno (Warner Bros.) que obtiveram um sucesso incontestável: *Drum* (produzido por Michael Stipe e Hugo Largo) e *Mettle* (produzido por Rowe).

Desde então, Hahn Rowe tem tocado ou gravado com, nomeadamente, Swans, Moby, Foetus, R.E.M., Hassan Hakmoun, KRS-1, Ikue Mori, Butch Morris, Syd Straw, John Zorn, Michael Brook, Angels of Light e Tom Cora. Entre as suas produções destacam-se *Feelings*, de David Byrne, e *Soak* de Mimi (Luaka Bop/Warner Brothers). Rowe é igualmente conhecido no mundo da música electrónica; apresentou-se como músico ou DJ em eventos organizados por colectivos como SoundLab, Unity Gain e Phonomena. Sob o pseudónimo Somatic, lançou o CD de Drum and Bass *The New Body*, com a etiqueta Caipirinha.

Hahn Rowe compôs música para cinema e televisão, nomeadamente para *Married in America* (realização de Michael Apted), *Clean, Shaven* (realização de Lodge Kerrigan), *Spring Forward* (realização de Tom Gilroy), *Paternal Instinct* (realização de Murray Nossel para a HBO/BBC), *Stealing the Fire* (realização de John Friedman e Eric Nadler), *Black Kites* (realização de Jo Andres) e *The Transformation* (realização de Susana Aikin e Carlos Aparicio).

Rowe recebeu três New York Dance and Performance Awards (AKA «The Bessies») pelas suas composições musicais para coreografias de Margarita Guergué (*We Were Never There/The Kitchen* 1989), Bebe Miller (*Verge/BAM* 2001) e Meg Stuart e Benoît Lachambre (*Forgeries, Love and other Matters/DTW* 2006). Compôs também a música para coreografias de John Jasperse (*Madison as I Imagined It*) e de David Dorfman (*Subverses/1999*).

O seu trabalho entre Bruxelas e Berlim, com a coreógrafa Meg Stuart/Damaged Goods resultou em várias composições – *Disfigure Study, No Longer Readymade* e *Swallow My Yellow Smile*, na participação em quatro edições de Crash Landing, na composição e interpretação ao vivo da música de *Forgeries, Love and Other Matters* e na escrita da música de *Replacement* e de *Blessed*.

O seu trabalho já teve mais de 200 apresentações em teatros e festivais pelo mundo fora, como, por exemplo, a Deutsche Opera (Berlim), o Festival d'Avignon, o Szene Sommerfest Salzburg, o Théâtre de la Ville (Paris), The Kitchen (Nova Iorque), o Centre d'Arts Walker (Minneapolis), o Holland Festival e o Festival Internacional de Edimburgo.

Lim Seonoc

Lim Seonoc é bacharel em artes gráficas. Os seus estudos englobaram o seu interesse pelo design de interiores e as artes gráficas em geral. Após o bacharelato, seguiu uma formação em design

de moda no Bunka Fashion College, em Tóquio, tendo recebido o prémio de designer do ano no final de quatro anos de estudo.

De regresso à Coreia, colaborou como estilista principal com várias companhias. Ao longo dos anos aprofundou a sua pesquisa e os seus trabalhos foram favoravelmente recebidos pelo público e pela crítica. Em 1997, a Seoul Fashion Artist Association (SFAA) convidou-a a apresentar uma colecção na qualidade de designer emergente. Nos últimos dez anos tem desenvolvido as suas criações num contexto vanguardista. A Gana Art Gallery, de Seul, convidou-a a expor as suas obras e o seu trabalho é apresentado regularmente em cidades como Paris, Pequim, Hong Kong, Osaca e Tóquio. Participou na exposição *Art & Art Wear*, apresentada no Museu Nacional de Arte Contemporânea da Coreia. Estilista requintada, colabora com géneros e abordagens artísticas muito variadas e as suas criações englobam tanto o vestuário como o figurino de cinema, de dança e de ópera.

Em 2000, Lim Seonoc foi seleccionada pelo jornal coreano *Munhwa Ilbo* como um dos 100 líderes da renovação artística coreana. Em 2003 recebeu um prémio na categoria de figurino na 40ª gala anual do Festival de Cinema de Daejong e em 2004 foi convidada como «Korean Top Designer» pela Moët & Chandon a apresentar um desfile de moda em Hong Kong.

Lim Seonoc é uma designer de moda coreana reconhecida internacionalmente. Apresenta todos os anos novas colecções Outono-Inverno e Primavera-Verão e integra regularmente júris de moda nacionais e internacionais. As suas

criações ultrapassam fronteiras através das suas próprias etiquetas «imseonoc» e «stoel».

Sagrada Família

de Jacinto Lucas Pires



Teatro De Qui 16 a Sáb 18 · De Seg 20 a Sáb 25 Setembro Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h30 · M12

Autor Jacinto Lucas Pires **Encenação** Catarina Requeijo **Cenário e figurinos** Sara Amado **Desenho de luz** José Manuel Rodrigues
Com Anabela Almeida, Duarte Guimarães, Ivo Alexandre, Joana Bárçia, Miguel Fragata **Produção executiva** Hugo Quinta
Co-produção Culturgest e Teatro Viriato

Pedro e Maria estão desempregados e o Filho tem pesadelos com o mundo. Para resolver os dois problemas, Pedro tem a ideia de começar uma religião. Miraculosamente, a micro-empresa familiar torna-se um sucesso, mas os pesadelos continuam. Pulsões estranhas, palavras novas, imagens apanhadas do ar por um Filho sem idade e sem nome. Talvez a coisa só vá lá com acção. Talvez a religião tenha de descer à terra. Talvez seja preciso entrar na política. Será que Pedro vai conseguir? E Maria? E o Filho? E os outros? E nós? *Sagrada Família* é a

nova peça de Jacinto Lucas Pires: uma história de amor, desejo, religião, política. Isto é, poder.

Com esta encomenda (co-produzida pelo Teatro Viriato), a Culturgest quis proporcionar ao autor tempo para escrever sem equipa artística definida nem a pressão de uma data de estreia, assim como oportunidades para discutir o seu trabalho em progresso. Catarina Requeijo, que já tinha sido a actriz de *Coimbra b*, estreia-se na encenação.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Diana Ramalho estagiária

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Inês Loução estagiária

Marta Ribeiro estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Sofia Magalhães

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
